

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO VIII, Nº249 - Janeiro - PORTO VELHO,
2010

VOLUME XXVII

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA HOLANDA - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

EDITORIAÇÃO GRÁFICA

ELIAQUIM DA CUNHA & SHEILA CASTRO

Os textos devem conter no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail: primeiraversao@gmail.com

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

249



**MEMÓRIA, ESPAÇO E CARTOGRAFIA: POR UMA
CARTOGRAFIA DA MEMÓRIA**

Xênia de Castro Barbosa



MEMÓRIA, ESPAÇO E CARTOGRAFIA: POR UMA CARTOGRAFIA DA MEMÓRIA.

Xênia de Castro Barbosa¹.

RESUMO: Durante a Segunda Guerra Mundial o fornecimento de látex aos Estados Unidos foi suspenso pelos produtores asiáticos posicionados a favor do Eixo. Esse episódio, somado ao posicionamento do Brasil ao lado dos Aliados e à seca e carestia que assolavam o nordeste brasileiro na década de 1940, deu origem à Batalha da Borracha, que incentivou a migração de cerca de 60 mil nordestinos para a Amazônia, a fim de trabalharem na produção de borracha. Este artigo procurou compreender, por meio de entrevistas de história oral realizadas com sobreviventes dessa Batalha, o modo como percebem, se relacionam e atuam na construção do espaço amazônico.

PALAVRA-CHAVE: memória; espaço, cartografia.

ABSTRACT: During World War II the supply of latex to the United States was suspended for the located Asian producers in favor of the Axle. This episode, added to the positioning of Brazil to the side of the Allies and to dries and high prices that devastated the Brazilian northeast in the decade of 1940, gave origin to the Battle of the Rubber, that it stimulated the migration of about 60 a thousand northeasterners for the Amazônia, in order to work in the rubber production. This article looked for to understand, by means of carried through interviews of verbal history with survivors of this Battle, the way as they perceive, if relates and acts in the construction of the Amazonian space.

KEYWORDS: memory, space, cartography.

O presente artigo é fruto da pesquisa de iniciação científica intitulada “Espaço e Memória”, realizada sob a orientação do professor Dr. Alberto Lins Caldas a quem registro sincero agradecimento.

“Espaço e Memória” foi desdobramento de um projeto anterior: “Nordestinos na Amazônia – história oral com soldados da borracha: a experiência de dois mundos”, que por meia década envolveu professores, pesquisadores e bolsistas do Centro de Hermenêutica do Presente da Universidade Federal de Rondônia. Tal projeto objetivou compreender por meio da história oral (MEIHY, 1996), a experiência de vida de dois grupos sociais distintos: migrantes nordestinos que se deslocaram para a região amazônica no contexto da

¹Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo.
Pesquisadora do Centro de Hermenêutica do Presente – UNIR.

Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a fim de trabalhar na produção de borracha, e os trabalhadores que já viviam naquela região, fossem eles nativos ou migrantes de períodos anteriores.

Posterior ao registro de dezenas de histórias de vida desses soldados da borracha e de uma reflexão sobre os dois mundos que elas revelaram: a Amazônia e o Nordeste, sentiu-se necessidade de ampliar o campo de reflexão e analisar questões como a situação das mulheres e a construção e relação desses trabalhadores com o espaço – o que levou-nos ao projeto “Espaço e Memória”.

A pesquisa desenvolvida sob a égide do projeto “Espaço e Memória” teve como fontes primárias as entrevistas realizadas no projeto “Nordestino na Amazônia”, que vieram a constituir o núcleo documental do presente estudo, e em fontes secundárias como panfletos da propaganda governamental incitando a migração para a Amazônia, a fim de se “lutar” na Batalha da Borracha.

A partir da leitura de nosso *corpus* documental pode-se concluir que, a despeito de tentativas de colonização e construção de um espaço social² nas terras onde hoje se localiza o Estado de Rondônia, tentativas essas que vem desde o século XVII, com as missões jesuíticas, foi somente a partir da década de 1940, com a aceitação pelos nordestinos dos discursos de convencimento veiculados pelo Governo Federal – na época Getúlio Vargas –, que esse antigo desejo de construção de um espaço social, humanizado, político foi possível. Não é meta deste artigo discutir as razões dessa possibilidade, a história dessa “idéia”, a conjuntura nacional e internacional daquele momento e os conflitos a cerca desta questão³, mas enfatizar que nossos colaboradores, os soldados da borracha que entrevistamos expressaram de modo enfático em suas narrativas, seus trabalhos de construção do espaço, de dominação e sobreposição ao que entendiam ser “selvagem”, “deserto”, “desagregador”, manifestando a necessidade de “pôr ordem ao caos”, de “construir estradas”, de “abrir a BR”, a fim de que as pessoas possam se deslocar, ir e vir e ter contato com o mundo.

Necessidades, desejos, ideologias, políticas, imaginários, arquétipos de cidades, estradas, habitações são alguns dos complexos elementos constituintes do que chamamos hoje de Rondônia. Os textos resultantes das entrevistas de história oral de vida constituíram a nossa via de acesso a esses elementos, ou pelo menos, a parte deles, reafirmando a noção de que a “natureza e o espaço nascem do lugar, da perspectiva cotidiana, das relações sociais, da social disposição de indivíduos e coisas, da satisfação das necessidades tornadas conhecimento, da vida inteira em comunidade” (CALDAS, 1997: 14). Diante do exposto, entende-se que o diferencial da pesquisa Espaço e Memória foi reatualizar a experiência do imaginário, percebendo-o na configuração do Espaço de Rondônia. Enquanto a maioria das pesquisas sobre o assunto mostrou-se menos atenta à história e à subjetividade dos atores sociais, privilegiando conceitos ou expressando uma visão “determinista”, na qual Espaço e Natureza são apresentados como fenômenos existentes por si próprios, anteriores à presença humana, em Espaço e Memória analisou-se como o espaço atualmente denominado Rondônia foi percebido, constituído e ordenado socialmente, levando em conta a memória e a experiência de sujeitos que atuaram na sua produção.

Ao propor um estudo sobre um espaço social, tal qual dimensionado pelas histórias de vida de nossos entrevistados, foi possível notar o processo de produção desse espaço, ou seja, desnaturalizar o que acabou por se tornar “natural”, problematizar a dinâmica desse processo, historicizar os discursos. Dentre os discursos que nos chamaram a atenção está o da cartografia, e é sobre ele que passamos agora a esboçar algumas das reflexões que realizamos nesta pesquisa.

² Trabalha-se com o conceito de Espaço Social de Milton, espaço que une e separa os homens.

³ Algumas destas questões foram discutidas no relatório final do Projeto Espaço e Memória, que pode se consultado no Centro de Hermenêutica do Presente – UNIR.

UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO, UMA NOVA MANEIRA DE DESENHÁ- LO

No período que compreende os séculos IV a XIV a forma de vida e de organização produtiva da Eurapa tinha por base a terra e o trabalho rural. Praticamente não havia cidades, o comércio era reduzido e a influência da religião na vida, no pensamento e no comportamento das pessoas era quase total. Mas a partir de 1300 teve início uma série de transformações que deram ao mundo uma nova configuração. Lembrando que nessa época, o mundo era o Mediterrâneo, os reinos europeus, Constantinopla e o que se imaginava sobre o Oriente.

As transformações que geraram nova configuração e imagem do mundo foram de quatro ordens, precisando ser analisadas conjuntamente, visto serem dialéticas: econômica, política, imaginária e científica.

Como nenhuma sociedade é estática, as estruturas, os modelos de explicação/organização do mundo e da produção, sofreram simultaneamente grandes alterações.

Dos sólidos estamentos sociais da Europa nasceu um novo grupo social ligado ao comércio e artesanato, sem vínculos com atividades agrícolas. Foram eles que deram o primeiro passo àquilo que futuramente seria chamado de Indústria: aperfeiçoaram as manufaturas e em pequena escala organizaram a “divisão social do trabalho” para que houvesse melhoras na produção.

Isso só foi possível porque em algum momento o Imaginário dessas pessoas foi reatualizado, reestruturado. À medida que uma nova mentalidade impulsionou o Capitalismo, este, por sua vez, gerou outras mentalidades e práticas, tais como progresso, enriquecimento, previdência, individualismo, competitividade e mesmo a idéia de revolução proletária.

Para manter o sistema capitalista, agilizar a produção e escoamento das mercadorias, objetificar e consolidar o domínio humano sobre a “natureza”, as matérias-primas, ele próprio inventou a Ciência, a “Técnica” e até uma nova arte (consumível). A Cartografia nasceu dentro desse processo.

A partir do momento em que foram alargados os horizontes imaginários das pessoas, que a curiosidade e indagações em relação ao mundo foram sistematizadas e os desenvolvimentos tecnológicos permitiram a essas pessoas saírem de seu mundo e viajar, velejar, voar para lugares antes nunca ou apenas imaginados, foi necessário o desenvolvimento de uma técnica/arte melhor elaborada a fim de dar conta da comunicação e representação desse novo mundo, desses novos espaços.

O conceito amplo de Cartografia, que a atendia como toda forma de representação do mundo que envolvesse algum tipo de mapa, deixou de ser aceito e esta passou a ser “mais precisa”, mais específica.

Cartografia é esse conjunto de Técnicas capazes de propor uma “representação” do mundo, de determinada parte dele, ou de representar diversos mundos (os constantes nos imaginários, nas narrativas, nas histórias de vida), através de Mapas, Plantas e Cartas, incluindo-se neste rol os mapas mentais.

Cartografia é Técnica por ser uma maneira de representar o espaço através de um processo de atividades materiais e simbólicas própria.

Embora tenha sido constituída a partir da assimilação de elementos de diversas áreas das ciências, ela não reproduziu esses elementos tal qual recebera, mas num amálgama, numa colagem de tudo, numa sintetização total, criou algo novo e muito próprio. Um estilo. Uma forma de fazer que se cristalizou em sua própria forma de ser. “Se não for assim”, não utilizar determinados métodos e recursos “sempre usados” (porque a origem se torna esquecimento: novo discurso), não é considerado Cartografia.

Cartografia é sedução e poder, com todos os perigos, danos e paixões que esses despertam. Essa sedução, esse deixar-se seduzir tem impedido de se compreender que os espaços, locais, objetos, formas, representados cartograficamente (Plantas, Cartas, Mapas), são pretensas representações e não a “coisa em si”. São formas discursivas, sígnicas, simbólicas, que só passam a ter sentido, a significar, quando existe alguém que o interprete, que o leia, e que esses símbolos e signos, pré-existam em seu Imaginário, entendido aqui como conjunto de valores, imagens e crenças políticas, religiosas, estéticas, constituído desde o nascimento por um intenso processo sócio-histórico.

Por propiciar uma visão “total” de um determinado espaço, ainda que de forma reduzida, projetiva, representativa e por um prisma que não é desvinculado de interesses, a Cartografia tornou-se um importante instrumento de poder. Mapas, Plantas e Cartas são fontes de poder.

Quem conhece o espaço pode dominá-lo, junto com tudo o que o constitui e o mantém como tal. Isso se torna mais evidente em tempos de guerra, onde conhecer o espaço territorial do inimigo é fundamental para se definir a ação bélica: os pontos que devem sofrer ataques mais intensos, os que oferecem menos perigo, os que são de maior interesse econômico, os “inofensivos” espaços civis nunca respeitados em uma guerra.

Foi em tempo de guerra que a Cartografia sofreu maiores avanços, que suas técnicas foram aperfeiçoadas e que os mapas atingiram maior precisão, o que não poderia ter sido diferente visto que os interesses em relação a eles eram bastante precisos, exatos.

Com a primeira e segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, os interesses dos Estados beligerantes voltaram-se para o desenvolvimento de novas tecnologias que proporcionassem o resultado mais satisfatório possível nesses conflitos. Nesses períodos houve o aperfeiçoamento da Aviação e quando esta não foi mais possível, quando não se podia mais sobrevoar territórios inimigos devido a retaliações e acirradas guerras aéreas, desenvolveu-se satélites que atuavam com muito mais precisão em suas informações sobre esses territórios, Sensoriamento Remoto, Informática, Geomática, entre outras.

O Mapa, enquanto fonte de poder, tem como função básica favorecer o Conhecimento/Domínio do Lugar, do Espaço, contudo, há que se destacar também que possui função ilustrativa ou comunicativa, mas que não “atinge”, não dialoga com todos. Embora sua linguagem (Convenção), se proponha “universalmente” aceita, há tipos de informações nos mapas que são compreendidas apenas por profissionais da área e de áreas afins. Isso se dá porque o Universal, assim como o “Real”, o “Natural” e o “Verdadeiro”, são construções ideológicas do Ocidente, criadas no mesmo processo capitalista que tem exterminado a alteridade, a pluralidade de diferenças radicais existentes nas diversas “tribos” desse espaço chamado Terra.

Por mais simples que pareça ser um conjunto de linhas e sua “função” de “indicar” fenômenos “lineares”, como por exemplo rodovias, ferrovias ou rios, ela só terá essa significação para as sociedades que os percebem como tal. Uma cultura que tem como deus aquilo que chamamos generalizadamente de rio, jamais poderá aceitar que ele seja um traçado de linhas.

É devido a essa visão “universalizante”, objetiva e objetificadora das coisas que propomos repensar a Cartografia de forma historicizada e apresentar uma Cartografia da Memória. Esta consiste numa exteriorização simbólica dos espaços vividos/sonhados/desejados/habitados, que não se apagam da Memória (BOSI, 1994). Foi desenvolvida

especialmente para “colorir” os espaços recorrentes nas histórias de vida dos soldados da borracha que têm colaborado em nossas pesquisas no Centro de Hermenêutica e possibilitar, a nós mesmos, uma maior compreensão de suas abrangências e sentidos.

São mapas subjetivos, mapas da memória, dos espaços lembrados, constantes nos textos obtidos através de uma História Oral específica (MEIHY, 1998). Esses espaços “representados” cartograficamente só têm existência enquanto Memória, enquanto texto. O único lugar onde eles podem ser localizados é no texto. Apesar de existirem espaços “reais” com o mesmo nome e características semelhantes, os da Cartografia da Memória não são e jamais poderão ser ou representar os anteriores, pertencem a campos ideológicos diferentes, exercem “funções” diferentes, abrigam pessoas diferentes - no caso dos mapas da Memória, pessoas que muitas vezes nem existem mais.

Esse tipo de Cartografia que propomos, a Cartografia da Memória, não serve para o exercício do poder, para domínio e controle estratégicos do espaço, nem é natural, real ou universal ou como tal se pretende. Serve apenas para dizer os “lugares interiores”, lugares de saudades, de sofrimentos, alegrias, desejos, conquistas. Lugares onde se viveu. Cartografar nossos espaços lembrados, é, de acordo com Bachelard, um salutar exercício: “Cada pessoa deveria fazer o cadastro de seus campos perdidos, pois abrangemos assim, o universo de nossos desenhos vividos e esses desenhos não precisam ser exatos. Basta que sejam tonalizados no mesmo modo do nosso espaço interior.” (BACHELARD, 1993: 31). Cadastrar esses campos, registrar os lugares da Memória de acordo com sua própria virtualidade é um exercício fascinante de conhecimento, intimidade e devaneio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A POÉTICA DO ESPAÇO**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- BOSI, Ecléa. **MEMÓRIA E SOCIEDADE: LEMBRANÇAS DE VELHOS**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CALDAS, Alberto Lins. **INTERPRETAÇÃO E REALIDADE**. Porto Velho: Caderno de Criação v.13, ano IV, setembro, 1997.
- MEIHY, José Carlos Sebe. **MANUAL DE HISTÓRIA ORAL**. São Paulo: Loyola, 2006
- SANTOS, Milton. **PENSANDO O ESPAÇO DO HOMEM**. São Paulo, Hucitec, 1997.
- _____, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO**. São Paulo, Hucitec, 2000.
- OLSON, David R.. **O MUNDO NO PAPEL**. São Paulo, Ática, 1997.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

PAULO FREIRE: Poder, Desejo e Memórias da Libertação

MOACIR GADOTTI e outros
Artmed

RESUMO: Paulo Freire é considerado um dos mais importantes educadores do século passado (século XX), Este livro apresenta uma análise exploratória e uma ampliação de suas idéias, formuladas por grandes conhecedores de sua vida e obra, incluindo uma entrevista com o próprio Paulo. É uma oportunidade ímpar de refletir sobre o pensamento deste fabuloso educador, e porque não dizer, de refletir sobre a educação, já que nem sempre é possível saber onde termina um e começa a outra.

SUMÁRIO: As muitas lições de Freire; Descentralizando a pedagogia; de Pedagogia do Oprimido à Luta Continua; O Humanismo radical e democrático de Paulo Freire.

Áreas de interesse: Filosofia, História, Educação.

Palavras-chave: educação; pedagogia libertadora; Paulo Freire; política